

Recado de nossos parlamentares aos EUA

O líder do PDT, Roberto Saturnino (RJ), responsabilizou o plano armamentista do presidente Reagan como principal causa da elevação das taxas de juros, ao falar ontem no plenário do Senado sobre as conversações mantidas, nos Estados Unidos, entre autoridades locais e uma delegação de nove países do Continente, representando o Parlamento Latino-Americano.

O plenário ouviu com grande interesse o discurso de Saturnino, que recebeu apertes de aprovação do líder governista em exercício, Virgílio Távora, e dos senadores José Lins e Milton Cabral, ambos do PDS, e Severo Gomes, do PMDB. O governista Milton Cabral estimou que 40% da dívida brasileira e dos países latino-americanos decorrem dos juros.

O presidente do Parlamento Latino-Americano e líder do PTB, Nelson Carneiro, em aparte, deu seu testemunho ao plenário, assinando que, pela primeira vez, os norte-americanos ouviram uma voz diferente, "a voz política", em vez do tom a que se habituaram, isto é, a palavra dos tecnocratas. "Dissemos aquilo que eles nunca tinham ouvido dizer e tão cruamente que temíamos que nos mandassem nos retirar", afirmou.

Saturnino sintetizou em seis pontos as advertências feitas aos EUA:

— A América Latina, como um

tudo, não tem condições para pagar a sua dívida externa. O elevado endividamento do Continente decorre de uma falsa avaliação, nossa e dos banqueiros norte-americanos.

— O problema do endividamento já deixou de ser só econômico, transformando-se num problema político, pelas suas repercussões sociais.

— A situação da América Latina aproxima-se rapidamente de um ponto de ruptura do tecido social, com graves riscos de comoções sociais. No Brasil, já despontam as primeiras manifestações desse gênero.

— A situação imposta pelos grupos financeiros internacionais não nos serve. Não temos a menor interferência nas decisões sobre as taxas de juros.

— Os governos dos países dos bancos credores são responsáveis pelo processo de endividamento. Eles não foram capazes de detectar e fiscalizar essas operações para restringir os empréstimos, recolocando-os nos limites que a prudência das operações bancárias recomenda.

— Como nação-líder do Ocidente, os EUA têm responsabilidades e obrigações correspondentes para com o problema do endividamento dos países da América Latina, que não recebem tratamento equivalente, por exemplo, ao dispensado a países do Leste europeu.